

MULHERES NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA - INVISIBILIDADE FEMININA NA HISTÓRIA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL

Tânia Fontenele ¹

Resumo: A historiografia sobre a construção da nova capital do Brasil - Brasília é marcada pela exaltação da performance do Presidente JK, Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Burle Marx ou dos candangos (trabalhadores das obras), todos homens. Raramente as mulheres foram lembradas ou mencionadas nesse momento histórico. Nossa pesquisa apresenta dados coletados para a realização do filme documentário Poeira e Batom no Planalto Central - 50 mulheres na construção de Brasília, onde evidencia-se a existência de significativo número de mulheres que trabalhavam em vários ofícios: lavadeiras, professoras, cozinheira, prostituta, engenheiras, parteiras, dentre outras profissões, que trabalharam em condições precárias, moraram em casas de madeira ou acampamentos improvisados, sem água e luz. Sacrificaram-se no meio da poeira das construções para a consolidação de Brasília, e, no entanto, nunca foram lembradas. Discute-se nesse trabalho, a necessidade de valorização da memória oral das mulheres que participaram da construção de Brasília e a visibilidade do trabalho feminino, fato recorrentemente ocultado na historiografia da nova capital do Brasil.

Palavras-chave: Invisibilidade do trabalho feminino, memórias femininas, trabalho feminino.

Construção de Brasília e as mulheres

No início de Brasília, eram poucas mulheres, mas a gente valia por mil. A gente fazia de tudo. Era um desafio viver sem água e luz, numa cidade toda em construção. Valeu a pena tanto sacrifício para ver nascer a nova capital do Brasil. Pena que a gente não é lembrada...”. Maria Luíza Mendes, cozinheira, chegou em 1958 em Brasília²

A construção de Brasília é apresentada como uma das faces do “novo” Brasil proposto pelo Presidente Juscelino Kubitschek, sendo atribuída o adjetivo de cidade revolucionária justamente porque representava a superação de um contexto social, político e principalmente econômico na década de 60. Representava um marco desenvolvimentista, a inserção do país no

¹ Doutoranda em História – Sociedade, Política e Cultura – Universidade de Brasília – UnB – Pesquisa: Memórias Femininas da construção de Brasília – O olhar das mulheres pioneiras e sua importância no processo de formação da nova capital – (1956-1962).

² Depoimento Maria Luiza Mendes (parteira – chegou em Brasília em 1958) – Filme Poeira e Batom – 50 mulheres na construção de Brasília. 58 min. 2010. Direção Tânia Fontenele

mundo moderno, proporcionando com a transferência da capital para o centro do Brasil a abertura de estradas, postos de trabalhos para homens e mulheres, e a conquista de um espaço geográfico considerado desértico a ser definitivamente incorporado a um novo Brasil dinâmico, gerando uma capital moderna para o Brasil que buscava se modernizar.

Brasília seria a redenção para o país após período politicamente difícil, marcado pelo suicídio de Getúlio Vargas e forte oposição política liderados pelos militares udenistas à posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart que saíram vitoriosos das eleições de 1955. A fim de impedir que um eminente golpe militar se concretizasse, o então Ministro da Guerra, Marechal Lott, afastou o Presidente Carlos Luz e fez o Senador Nereu Ramos assumir a presidência do Brasil até a posse de JK, em 1956. Assim, durante todo o mandato presidencial, Juscelino Kubitschek se empenharia em manter a estabilidade política imprescindível à concretização de seu Plano de Metas, entre as quais se destacava a construção de Brasília.

A ideia da transferência da capital está presente desde os tempos coloniais sendo objeto de profecias religiosas narrado em longa mitologia, desde o Marques de Pombal – propondo em 1763 uma sede para a colônia em plena Amazônia, até a campanha presidencial de Juscelino Kubitschek, em 1955 – prometendo o “país de futuro” em cinco anos. Passando pelo movimento mineiro de emancipação em fins do século XVIII – cujo programa revolucionário incluía uma nova capital a ser erigida no *hinterland*, pelo batismo de José Bonifácio em 1823, inscrita definitivamente na primeira constituição republicana em 1891, na qual impunha transferir-se a sede do governo para o centro do Brasil por motivos predominantemente estratégicos (Fisher, 2000, p.23).

A construção de Brasília foi apresentada como consequência direta de uma análise que compreendia o Brasil de então como nação ainda em formação, subdesenvolvida, localmente industrializada, sem conquista efetiva de seu grande território e desprovida de projeto nacional. Para o governo JK, portanto, Brasília passou a ser a maneira mais rápida e eficaz de desenvolver o interior do Brasil, de modernizar e integrar o país, enfim, de corrigir e reordenar o curso de nossa história, num processo logo intitulado “a construção de um novo Brasil” (Oliveira, 2005, p.65).

O foco principal dos estudos sobre o início de Brasília, de maneira geral, apontam para os aspectos políticos e históricos da transferência da capital do Brasil para o centro do país, propaganda de convencimento da importância da nova capital, questões arquitetônicas e de planejamento urbano, crítica da utopia da cidade modernista, história da atuação dos homens

trabalhadores (candangos), estudos sobre os acampamentos pioneiros, formação das cidades ao redor de Brasília e outros temas afins, que majoritariamente fazem referências enaltecedoras aos grandes nomes do início de Brasília, em geral, todos homens: Presidente Juscelino Kubitschek (JK), Israel Pinheiro, Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Bernardo Sayão, Burle Marx, Ernesto Silva, Darcy Ribeiro, dentre outros.

A história de Brasília é marcada por referências enaltecedoras ao papel dos protagonistas históricos do sexo masculino conforme mencionado anteriormente. Darcy Ribeiro dizia que “Deus estava de bom humor quando juntou no mesmo lugar e no mesmo momento Juscelino, Lucio Costa, Israel e Niemeyer” citado por Lafer (2002, p.56).

Curiosamente, no que tange a efetiva participação das mulheres na história da construção de Brasília, escassamente localiza-se publicações ou referências a sua atuação nesse período. Em geral, somente os homens são lembrados ou referidos na nossa recente história oficial. Eventualmente as poucas mulheres lembradas são D. Sarah e D. Júlia (esposa e mãe do presidente JK) ou alguma esposa de outro político importante.

Lembrar-se de uma personagem feminina inscrita nos anais da historiografia oficial de Brasília não é tarefa fácil. A dificuldade não decorre de possível amnésia coletiva, mas, sim, em virtude de a história da cidade ter sido escrita sob a ótica masculina, que estranhamente omite a participação feminina (parteiras, cozinheiras, lavadeiras, engenheiras, professoras, prostitutas, donas-de-casa, dentre outras) na concretude da capital brasileira. Assim, coube, exclusivamente, aos homens o protagonismo e a glória do feito histórico. Pode-se dessa maneira, inferir que a invisibilidade das mulheres na história de Brasília seja o reflexo social das relações de gênero marcadas pela sociedade patriarcal e que o predomínio do masculino nos espaços públicos, naturalizava ausências quanto ao reconhecimento da participação feminina nas atividades cotidianas ou no mundo do trabalho durante a fase inicial da nova capital do Brasil? As mulheres estariam cobertas pelo manto da “invisibilidade social” a tal ponto de não serem lembradas nas narrativas historiográficas da cidade?

Ressalta-se, entretanto, que apesar de serem em menor número, as mulheres que aqui chegaram tiveram importante protagonismo na história da construção da nova capital do Brasil e, no entanto, raramente foram lembradas nas narrativas elaboradas após sua inauguração. Desta forma,

destituídas do reconhecimento de suas histórias, as mulheres não puderam, conseqüentemente, “orgulhar-se de si próprias e de seu trabalho”, conforme observa Simone de Beauvoir (1980, p.35).

Nesse sentido, destaca-se:

A historiografia, construída ao longo do tempo, quer nos fazer acreditar que, em um universo de quase 60 mil trabalhadores, não existiam mulheres. Como se fosse possível, sem a participação feminina, idealizar e construir a nova capital do Brasil, no meio do nada e a 1,2 mil km do litoral. Portanto, é preciso desfazer esse falso enredo (...) quanto para substituir o imaginário machista que predomina sobre esse evento basilar da história do Brasil. (MADSON, 2015, p.13).

Brasília tem dívida histórica com suas mulheres, particularmente com as que participaram da fase inicial da construção da cidade e de quem pouco se fala. Na verdade, as pioneiras de Brasília foram envoltas em misterioso véu de invisibilidade perante a história oficial, criando-se a falsa impressão de que não estavam aqui, naquele momento seminal da cidade, lado a lado com os homens, lutando e se sacrificando pela materialização da obra.

Invisibilidade feminina na esfera pública: silêncio das fontes

A primeira história que gostaria de contar é a história das mulheres. Hoje em dia ela soa evidente. Uma história “sem as mulheres” parece impossível. Entretanto, isso não existia. Por que isso? Por que esse silêncio? Michelle Perrot (2015, p.34)

Escrever a história incluindo as mulheres é sair do silêncio de onde por muito tempo estiveram confinadas, fazendo romper o apagamento de sua atuação na memória social. Historicamente, o reconhecimento da presença das mulheres as mostra em locais atribuídos à sua condição de gênero, isto é, no espaço privado, longe da política, da economia e da guerra. Curiosamente esse fato não se dá por acaso, pois, afinal, o privado é o lugar do confinamento, da exclusão do mundo público e da cidadania: ou, como bem define Hannah Arendt (1995, p. 68), é o lugar da “privação”, da “ausência” ou do sentimento de não existir.

A crítica às fronteiras convencionais nas abordagens entre o público e o privado nas abordagens teóricas, em especial tratadas pela ótica feminista, nas normas, nas instituições e nas práticas políticas está entrelaçada fortemente à crítica às desigualdades entre homens e mulheres.

A dualidade entre o público e o privado nas formas criticadas pelo feminismo, continua, no entanto, na base de muitas teóricas predominantes³. Trata-se de compreender, como enfatiza Flávia Biroli (2014, p.31) de como se desenhou a fronteira entre o público e o privado no pensamento e nas normas políticas permitindo expor seu caráter histórico e revelar suas implicações entre homens e mulheres – contestando, assim, sua naturalidade e pretensa adequação para a construção de relações igualitárias. Somam-se, a essa percepção, estereótipos de gênero desvantajosos para as mulheres. Papéis atribuídos a elas, como a dedicação prioritária à vida doméstica e aos familiares, colaboram para que a domesticidade feminina fosse vista como um traço natural e distintivo, mas também como valor a partir do qual outros comportamentos seriam caracterizados como desvios.

As configurações históricas da dicotomia público/privado, analisando seus significados a partir de uma perspectiva de gênero como categoria estão presentes nas abordagens de Susan Okin (2008, p. 305-331). A autora evidencia que a separação entre a esfera pública e privada é uma ficção - dado que a posição de uma, com as vantagens e desvantagens a ela associadas, tem impacto nas alternativas que se desenham e nas relações que se estabelecem na outra.

Segundo Joan Scott (1992, p.79), existe incômoda ambiguidade inerente ao projeto da história das mulheres e as relações entre o público e privado, pois ela é ao mesmo tempo um suplemento inócuo à história estabelecida e um deslocamento radical dessa história. Por outro lado, a autora alerta ser importante compreender a história de outra maneira, buscando nas atitudes e sensibilidades coletivas, nos fatos e práticas cotidianas, os espaços onde se abrigava a relação homem-mulher. Esse “olhar diferente” obriga, inicialmente, a identificar a mulher em cada lugar observável, e eles não são poucos. É preciso nomeá-la, reconhecê-la e compreender em que circunstâncias, nem sempre evidentes, em que ela foi espoliada na sua relação oficial do mundo masculino. Explorada não por falta de presença, mas exatamente em função dessa presença (Del Priori, 2000, p.34).

O silêncio da história em relação às mulheres seria mais profundo pela forma que os relatos históricos são apresentados. O relato da história constituído pelos historiadores gregos ou romanos, para citar um dos exemplos desta situação de exclusão feminina, diz respeito ao espaço público: as guerras, os reinados, apresentando somente os homens “ilustres”, ou então os “homens públicos”,

³ Carole Pateman, *The sexual contract*, 1988; Susan Moller Okin, *Justice, gender, and the family*, 1989; Catherine A. MacKinnon, *Toward a feminist theory of the State* (Cambridge- MA, Harvard University Press, 1989).

ficando muitas vezes as mulheres fora dessa representação, ou sendo as mulheres apresentadas apenas como elementos figurativos ou portadores de poderes relacionados à sedução (Perrot, 2015, p. 16).

Cabe ressaltar, que o tema da invisibilidade das mulheres na história vem à tona com maior ênfase por intermédio dos estudos feministas, que efetivamente iniciaram uma ressignificação do conceito do feminino, deixando de “lugar estigmatizado e inferiorizado, destituído de historicidade”, para ser social, cultural e historicamente questionado, conforme Rago (2013, p.25). Destaca-se, entretanto, que a história contada pelas mulheres permanece no campo limitado dos interessados em estudos feministas ou de gênero. Em geral, são mulheres pesquisadoras que estão empenhadas em desvendar o longo véu que cobre os acontecimentos em que as mulheres tiveram efetiva participação.

Nesse sentido, Louro (1991, p.142) considera que os estudos feministas vêm apresentando importantes críticas ao saber científico. Entretanto, ao invés de somente reparar a exclusão das mulheres do saber acadêmico, os feminismos também desafiam “a própria forma de fazer ciência até então hegemônica”. A autora assinala que a epistemologia feminista possui características transformadoras, móveis e em constante transformação, contrapondo-se ao tradicionalismo das ciências cartesianas. Enfatiza que a ciência hegemônica que se anuncia como neutra, imparcial e objetiva, entretanto, vem justificando permanentemente as desigualdades sociais. Centrada em um suposto sujeito universal – isto é: o homem branco, europeu, “civilizado”, heterossexual e cisgênero – dessa forma, essa ciência, reforça a exclusão daqueles que se encontram às margens das sociedades.

O silenciamento historicamente praticada em relação ao protagonismo da história das mulheres vem sendo contestado por pesquisadoras importantes.⁴ Atestam já algum tempo, o quanto o debate poderia estar diluído e ultrapassado, e muitas vezes recorrem à fina ironia e ao sarcasmo no intuito de conter a impaciência com as formas misóginas e androcêntricas em que são tratadas as mulheres. Apenas recentemente foram considerados como objetos de estudos de uma área específica do campo historiográfico, reconhecida como História das Mulheres. Ainda assim, trata-

⁴ Somente para mencionar algumas das pesquisadoras que têm tido a preocupação de formular críticas ao silenciamento das mulheres na história: Simone de BEAUVOIR, 1980; Michelle PERROT, 1998, 2015, na França e Mary DEL PRIORI, 2000; Rose Marie MURARO, 2002; Tania NAVARRO-SWANN, 2004, no Brasil.

se de temática vista com reservas, resistências e hierarquizações, que ainda reproduz preconceitos e perpetua uma lógica binária das relações sociais cotidianas, como nos alerta Muniz (2010, p.13).

Brasília: quebra de paradigma para as mulheres pioneiras

A busca dos vestígios da participação das mulheres na história da construção de Brasília é um grande desafio de investigação e interpretação. Nos faz refletir, de maneira mais aprofundada, sobre o entendimento de que o passado é uma construção histórica, no qual nos proporciona múltiplas possibilidades de abordagens, além de nos fazer refletir sobre o que constitui o valor de nossa pesquisa, questionando o lugar da “mulher” como sujeito e objeto do conhecimento histórico.

Nesse sentido, em 2009, com a proximidade da celebração dos 50 anos da inauguração de Brasília, percebendo que seria a oportunidade de rever a historiografia oficial, propondo questionar a ausência de narrativas sobre a participação das mulheres na história da nova capital do Brasil. Questionava-se o esquecimento e silenciamento do feminino na história de Brasília, o que favoreceu a criação do projeto “Mulheres Invisíveis da construção de Brasília”, com o intuito de entrevistar 50 mulheres que chegaram nos primórdios da cidade, entre 1956 e 1960, recuperando suas memórias enquanto estivessem vivas.

Selecionamos mulheres de diversas profissões, de classes sociais e vindas de várias regiões do Brasil. Priorizamos aquelas que nunca tiveram a oportunidade de contar suas vivências da cidade que viu ser construída. Vimos a urgência de realizar a pesquisa, uma vez que essas mulheres pioneiras estavam com idade avançada e o risco de perdemos as “memórias orais femininas” era eminente. Iniciamos a pesquisa, registrando os depoimentos para a realização do documentário denominado Poeira e Batom no Planalto Central – 50 mulheres na construção de Brasília. Esse filme foi apresentado em festivais nacionais e internacionais, recebendo grande receptividade de público e mídia. Complementando a pesquisa, foi montado livro com imagens raras do início de Brasília permeando os testemunhos das mulheres pioneiras e a montagem. Para o lançamento do documentário foi montado no Museu da República de Brasília, uma exposição fotográfica e de objetos da década de 60 pertencentes das famílias pioneiras. Denominou-se essa exposição de Memórias Femininas da construção de Brasília, na qual foi possível fazer a reconstrução representativa dos espaços vivenciados durante a construção de Brasília, representados pela casa (residências provisórias nos acampamentos), local do trabalho e lazer das mulheres

(banhos de cachoeira, serenatas, passeios à cavalo ou de Jeep pelas trilhas do cerrado). Nessa exposição, realizamos uma *memorabilia* do feminino da construção de Brasília, apresentando objetos, música de época, mobiliário e vestuário da década de 60, proporcionando aos visitantes uma “entrada no túnel do tempo” da construção da nova capital, no centro do país.

Iniciamos esse projeto como muitas perguntas: por que, nas publicações sobre Brasília, as mulheres nunca eram mencionadas? Qual seria a percepção das mulheres que chegaram nessas “terras longínquas e cheias de poeira”? Como seria resgatar a história de Brasília do ponto de vista as mulheres? O que é ser mulher numa cidade em construção? Quais foram as maiores dificuldades

O desconforto e a precariedade segundo elas, eram superados pela esperança e orgulho em relação ao nascimento da nova cidade: “Cheguei em 1958, não havia quase nada na Cidade Livre. Vi aquele descampado, casinhas pequenas de madeira, muita poeira. Foi amor à primeira vista. Depois de uma viagem de Jeep do Rio até Brasília, demoramos 10 dias para chegar, percorremos estradas que nem estavam construídas, tivemos que muitas vezes derrubar árvores no meio do caminho. Passamos por muitos perigos. Quando chegamos em Goiânia ninguém acreditava que havíamos vindo de tão longe”.⁵ “Na cidade faltava tudo, não tinha água ou luz, quase não tinha asfalto, cheirava à piche em algumas áreas e os barracos da NOVACAP eram todos pintadinhos de azul...” lembra a professora Teresinha Carvalho. “Quem fala mal dos candangos e do início de Brasília, não sabe de nada, e mostra muito preconceito. Havia muito respeito e solidariedade, apesar de toda a precariedade. Me sentia colaborando para a construção de um Brasil melhor e não sentia medo de coisa alguma. Me sentia segura naquela cidade simples, coberta de poeira. Andava tranquila pelas obras, não escutava piadinhas, nada! Pegava carona sem medo, era como se fosse da família dos motoristas. Sinto saudades desse tempo do início de Brasília. Muito idealismo, uma utopia que estávamos ajudando a realizar. Brasília era linda no meio da poeira das construções. Moderna, diferente de tudo o que se viu no Brasil, ”⁶.

Cabe mencionar que no Brasil, da época da inauguração de Brasília, as conquistas sociais e trabalhistas para as mulheres ainda eram muito limitadas. Prevalecia as representações sociais tradicionais – mãe, família, dona- de- casa exemplar– permanecendo atreladas, na sua grande maioria, ao espaço privado – ao doméstico.

5 Depoimento da arquiteta e escritora Helena Siqueira em 2010 para o filme Poeira e Batom – 50 mulheres na construção de Brasília . Direção Tânia Fontenele.

6 Depoimento da professor Marta Cintra em 2010 para o filme Poeira e Batom – 50 mulheres na construção de Brasília. Chegou antes da inauguração de Brasília . Direção Tânia Fontenele

Porém, a construção de Brasília representou para muitas mulheres quebra de paradigmas, fato constatado em pesquisa realizada sobre as Memórias Femininas da construção de Brasília por Tânia Fontenele (2010, 2013). Nessas pesquisas, são evidenciado, o quanto as mulheres contribuíram efetivamente para o processo de formação da cidade, contrapondo o silêncio das fontes oficiais, que nunca mencionavam a participação feminina, dando a impressão de que não havia mulheres na fase inicial da cidade (1956-1960).

Nos relatos, as mulheres pioneiras afirmam que romperam com muitos preconceitos aceitando o desafio de vir para Brasília, toda em construção:

Brasília era símbolo do novo, aqui não se tinha o controle que nós mulheres estávamos acostumadas nas outras cidades. O comportamento social no Brasil naquela época era completamente conservador e machista. Na verdade, não se percebia socialmente o quanto as mulheres eram subjugadas e silenciadas sobre sua importância social. Brasília foi construída com o conceito do moderno e com inovadoras concepções educacionais e de gênero, ninguém se conhecia, mas todo mundo se unificava naquele novo e gerava novos padrões de comportamento, conforme afirma Iara Pietricovsky.⁷

A seleção por concurso de professoras, em todo o país, criou oportunidades para muitas mulheres saírem de suas pequenas cidades e terem a grande chance de conquistarem sua independência econômica e social. Os salários eram compensadores e muito maiores do que nos outros estados brasileiros, proporcionando empoderamento e autonomia para as mulheres que aceitavam o desafio de morar numa cidade no “meio do nada”, rompendo os preceitos de que “lugar de mulher é em casa”. Segundo os relatos, os jovens casais que aqui chegavam tinham que encontrar meios de criar seus filhos sem os aparatos de avós, tios e outros familiares. A relação entre os casais precisava ser de ajuda mutuamente para poderem sobreviver no cenário de precariedade enfrentada nos acampamentos de madeira, onde muitas vezes faltava água e luz, mantimentos e outros confortos a que estavam habituadas em suas cidades de origem.

O sentimento de pertencimento à obra, de identificação com o novo Brasil proposto pelo Presidente JK e sua equipe, de certa forma, preenchia o universo simbólico dessas mulheres e amenizava os momentos de extrema solidão numa cidade toda em construção. Esses sentimentos são, aqui, apreendidos como uma forma de ser e de estar no mundo sob o signo da alteridade e da

⁷ Depoimento de Iara Pietricovsky ao filme documentário Poeira e Batom : 50 mulheres na construção de Brasília.

diferença no tempo, sem o que não é possível a reconfiguração do passado como assinala Ricoeur (1994, p.41). Sendo assim, o autor ressalta a importância de se ter em mente a memória como “província da história”:

Essa *diminutio capitis* é incentivada pelo desenvolvimento tardio de uma história da memória. De fato, nada impede de fazer surgir a memória entre os “novos” objetos da história, ao lado do corpo, da cozinha, da morte, do sexo, da festa e, por não, das finadas mentalidades. A esse respeito, a obra *Mémoire et Histoire* de Le Goff é exemplar. A história da memória, diz ele, faz parte de uma “história da história”, portanto, de um procedimento de cunho reflexivo.

Ao dialogar com as primeiras senhoras de Brasília percebeu-se exatamente esse processo do recontar a “história da história” pela perspectiva das mulheres. Desta forma, foi possível refletir sobre a importância das mulheres pioneiras no processo de formação e de transformação das relações sociais na construção de Brasília. Elas mostravam que foram capazes de romper rígidos processos impostos socialmente às mulheres, e com suas memórias foi possível, nos proporcionar ensinamentos de suas lutas e conquistas, exibindo a “história não contada” na historiografia oficial de Brasília.

O reconhecimento da presença desigual das mulheres na esfera pública e a desvalorização do trabalho realizado pelas mulheres no início de Brasília, bem como, o silenciamento de sua participação feminina na historiografia da construção de Brasília, vão de encontro às discussões elaborados pelo pensamento feminista em que se evidencia a dualidade entre a esfera pública e a esfera privada, onde são contestadas a naturalização dos papéis sociais impostos às mulheres e o seu consequente esquecimento na historiografia social.

Ao evocar as memórias das primeiras mulheres que chegaram para a construção de Brasília, de certa forma, iniciou-se um processo de trazer para o presente os fragmentos de suas vivências que marcaram suas vidas e que estavam perdidas nas lembranças da poeira dos redemoinhos na imensidão do Planalto Central descampado.

Ao criar condições para o registro e valorização das memórias femininas da construção de Brasília, evidenciando o olhar feminino sobre os fatos históricos da cidade, quebrou-se uma lógica

predominante da narrativa masculina do processo da construção de Brasília, onde usualmente a historiografia oficial foi escrita e publicada. Pode-se, assim, proporcionar o surgimento da “ história das mulheres de Brasília”, apresentando com maior ênfase a temas antes relegados, como: violência contra às mulheres, relações desiguais entre homens e mulheres, maternidade, novas relações de gênero e a precariedade das moradias nos acampamentos de madeira.

Reconhecer a participação das mulheres no processo da construção de Brasília é relevante para evidenciar o quanto a história oficial da nova capital do Brasil precisa ser revisada, gerando uma reorganização de suas representações. Cabendo conferir visibilidade pública da presença das mulheres nessa história, preservando a memória da cidade e contribuindo para a retirada do feminino do apagamento de suas atuações na memória social. Assim sendo, dar-se um passo importante para que o silenciamento historiográfico praticado em relação às mulheres da construção de Brasília seja algo do passado.

Bibliografia

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 1995.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Mitos e Fatos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIROLI, Flávia (2014). “O público e o privado” in: *Feminismo e Política: uma introdução*/ Luis Felipe Miguel, Flávia Biroli. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo. p.31-46.

DEL PRIORI, Mary. *História das Mulheres: As vozes do Silêncio*. In: FREITAS, Marcos Cesar de (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: USP. 2000.

FISHER, Sylvia. *Algumas Brasília*s. In: Alexander Fils, Beate Eckstein e Martina Merlinger (Orgs.), *Brasília, Architektur der Modern in Brasilien – Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Roberto Burle Marx*. Bonn: IFA. 2000. p. 9-25.

FONTENELE, Tânia M. *Poeira e Batom no Planalto Central - 50 mulheres na construção de Brasília*. Brasília: Athalaia, 2010.

_____. *Memórias Femininas da construção de Brasília*. Brasília: Athalaia, 2013.

LAFER, Celso. *Brasil, Brasília e os brasileiros*. Brasília: Itamaraty, 2002.

LOURO, Guacira L. Uma epistemologia feminina: desafios e subversões..In : _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 42-160.

KUBITSCHKE, J. *Por que construí Brasília*. Bloch Editores S.A. 1ª edição.,1975. 379 p.

MADSON, Carlos. *Mulheres Invisíveis*. Correio Brasiliense, Brasília, p.13, 20 Abr. 2015.

MacKINNON, Catherine A. *Toward a feminist theory of the State*. Cambridge (MA). Harvard University Press, 1989.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Mulheres na historiografia brasileira: práticas do silêncio e de inclusão diferenciada*. In: STEVENS, Cristina e al. (Orgs). *Gênero e Feminismos: convergências (in)disciplinares*. Brasília: Ex Libris, 2010.

MURARO, Rose Marie *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro da diferença*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NAVARRO-SWAIN, Tania. *O que a história não diz, nunca existiu? as amazonas brasileiras*. Caminhos da História (UNIMONTES), v. 9, 2004, p. 29-48.

PATEMAN, Carole. *The sexual contract*. Stanford, Stanford University Press, 1988

OKIN, Susan M. *Justice, gender, and the family*. New York, Basic Books, 1989.

OLIVEIRA, M. *Brasília: O mito na trajetória da nação*. Paralelo 15, 2005, 274 p.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. *Les femmes ou les silences de l'histoire*. Paris : Flammarion, 1998.

RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história*. In: PEDRO, Joana Maria e

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, v. I. Campinas: Papirus, 2000.

SCOTT, Joan W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *American Historical Review*, v.9, n.5, 1986, p. 1053-1075.

Women in the construction of Brasilia - Female invisibility in the history of the new capital of Brazil

Astract: The historiography about the construction of the new capital of Brazil - Brasilia is marked by the exaltation of the performance of JK, Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Burle Marx or the candangos (workers of the works), all men. Rarely have women been reminded or mentioned in this historical moment. Our research presents data collected for the documentary film *Dust and Lipstick* in the Central Plateau - 50 women in the construction of Brasília where it is verified that there was a significant contingent of women who worked in various crafts: washerwomen, teachers, cooks, truckers, prostitutes, engineers, among other professions in precarious conditions, living in wooden houses or improvised camps, without water and light. They sacrificed themselves in the dust of the buildings for the consolidation of Brasilia and never were remembered. The paper discusses the need to value the oral memory of women and the visibility of women's work, a fact that has been forgotten in the historiography of the new capital. Five years after the film was made, 15 interviewees who arrived in Brasilia between 1956 and 1962 died. Positively we can count on the filmographic record and the thesis that we are constructing to tell in an unprecedented way the history of the new capital from the perspective of the women coming from various parts of Brazil and the world

Keywords: Invisibility of female work, female memories, female work